

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)



Bases Conceituais
da **Saúde 4**

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da Saúde

4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde 4 [recurso eletrônico] / Organizadora
Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.
– (Bases Conceituais da Saúde; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7247-135-0
DOI 10.22533/at.ed.350191502

1. Cuidados primários de saúde. 2. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. 3. Sistema Único de Saúde. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No cumprimento de suas atribuições de coordenação do Sistema Único de Saúde e de estabelecimento de políticas para garantir a integralidade na atenção à saúde, o Ministério da Saúde apresenta a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (Sistema Único de Saúde), cuja implementação envolve justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural.

Ao atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, a PNPIC contribui para o fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS. Nesse sentido, o desenvolvimento desta Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares deve ser entendido como mais um passo no processo de implantação do SUS.

A inserção das práticas integrativas e complementares, especialmente na Atenção Primária (APS), corrobora com um dos seus principais atributos, a Competência Cultural. Esse atributo consiste no reconhecimento das diferentes necessidades dos grupos populacionais, suas características étnicas, raciais e culturais, entendendo suas representações dos processos saúde-enfermidade.

Considerando a singularidade do indivíduo quanto aos processos de adoecimento e de saúde -, a PNPIC corrobora para a integralidade da atenção à saúde, princípio este que requer também a interação das ações e serviços existentes no SUS. Estudos têm demonstrado que tais abordagens ampliam a corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, contribuindo para o aumento do exercício da cidadania. Nesse volume serão apresentadas pesquisas quantitativas, qualitativas e revisões bibliográficas sobre essa temática.

Elisa Miranda Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA TÉCNICA SHANTALA COMO ATIVIDADE COMPLEMENTAR NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA	
<i>Thais Aleixo da Silva</i>	
<i>Silvana Gomes Nunes Piva</i>	
<i>Jenifen Miranda Vilas Boas</i>	
<i>Vania Menezes de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915021	
CAPÍTULO 2	15
A PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: REVISÃO DA LITERATURA	
<i>Mitlene Kaline Bernardo Batista</i>	
<i>Ana Sibebe de Carvalho Mendes</i>	
<i>Isabela Ferreira da Silva</i>	
<i>Marieta Zelinda de Almeida Freitas</i>	
<i>Rebeca Carvalho Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915022	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE DO POTENCIAL HEMOLÍTICO DOS EXTRATOS ORGÂNICOS DE <i>PITYROCARPA MONILIFORMIS</i>	
<i>Tamiris Alves Rocha</i>	
<i>Danielle Feijó de Moura</i>	
<i>Dayane de Melo Barros</i>	
<i>Maria Aparecida da Conceição de Lira</i>	
<i>Marllyn Marques da Silva</i>	
<i>Silvio Assis de Oliveira Ferreira</i>	
<i>Márcia Vanusa da Silva</i>	
<i>Maria Tereza dos Santos Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915023	
CAPÍTULO 4	32
CONTRIBUIÇÕES DA AURICULOTERAPIA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA COMPLEMENTAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Terezinha Paes Barreto Trindade</i>	
<i>Aelson Mendes de Sousa</i>	
<i>Fabício de Azevedo Marinho</i>	
<i>Julyane Feitoza Coêlho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915024	
CAPÍTULO 5	41
CUIDADO AO CUIDADOR: REIKI NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE – RIO DE JANEIRO – RJ	
<i>Fernanda da Motta Afonso</i>	
<i>Renata Lameira Barros Mendes Salles</i>	
<i>Fatima Sueli Neto Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915025	

CAPÍTULO 6	51
EFEITO FISIOLÓGICO DA TÉCNICA DE IMPOSIÇÃO DE MÃOS ANÁLOGA AO TOQUE QUÂNTICO SOBRE O CRESCIMENTO INICIAL DE FEIJÃO	
<i>Ana Luisa Ballestero Kanashiro</i> <i>Anna Caroline Ribeiro Oliveira</i> <i>Isadora Rezende Mendonça</i> <i>Claudio Herbert Nina-e-Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915026	
CAPÍTULO 7	64
EFICÁCIA DA PROGESTERONA NATURAL NA PREVENÇÃO DO PARTO PRÉ-TERMO	
<i>Hugo Gonçalves Dias</i> <i>Pedro Henrique Alves Soares</i> <i>Cândida Maria Alves Soares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915027	
CAPÍTULO 8	72
LASERTERAPIA NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA MUCOSITE ORAL	
<i>Gustavo Dias Gomes da Silva</i> <i>Juliane Dias Gomes da Silva</i> <i>Priscyla Rocha de Brito Lira</i> <i>Rosa Maria Mariz de Melo Sales Marmhoud Coury</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915028	
CAPÍTULO 9	79
NOVA PROPOSIÇÃO A ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS: ODONTOPEDIATRIA	
<i>Anelise Crippa</i> <i>Tábata Isidoro</i> <i>Anamaria Gonçalves dos Santos Feijó</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915029	
CAPÍTULO 10	87
O USO DA AURICULOACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
<i>Gustavo Leite Camargos</i> <i>Alexandre Augusto Macêdo Corrêa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150210	
CAPÍTULO 11	104
USO DA TERAPIA FLORAL NA REDUÇÃO DOS SINTOMAS DAS MULHERES NO CLIMATÉRIO	
<i>Alexsandra Xavier do Nascimento</i> <i>Jéssica de Oliveira Agostini</i> <i>Felipe de Souza Silva</i> <i>Maria Benita da Silva Alves Spinelli</i> <i>Eliane Ribeiro Vasconcelos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150211	

CAPÍTULO 12 108

O USO DE FLORAIS DE BACH NO TRATAMENTO DA CHIKUNGUNYA: REVISÃO DE LITERATURA

Kelly Guedes da Silva
Ivanilde Miciele da Silva Santos
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Willams Alves da Silva
Kristiana Cerqueira Mousinho
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
José Gildo da Silva
Camila Chaves dos Santos Novais

DOI 10.22533/at.ed.35019150212

CAPÍTULO 13 118

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO BENEFÍCIO NA MEDICINA TRADICIONAL, ASSOCIADO COM MEL DE ABELHA

Leonardo Silva Pontes
Marailze Pereira dos Santos
Cleomara Gomes de Souza
Maria Verônica Lins
Marcos Barros de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.35019150213

CAPÍTULO 14 123

OS MICRORGANISMOS ENDOFÍTICOS E SUAS DIVERSAS APLICAÇÕES BIOTECNOLÓGICAS

Igor Felipe Andrade Costa de Souza
Júlio César Gomes da Silva
Rosilma de Oliveira Araujo Melo
Evelyne Gomes Solidôno
Mayara Karine da Silva
Susane Cavalcanti Chang
Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho

DOI 10.22533/at.ed.35019150214

CAPÍTULO 15 137

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE HORTA FITOTERÁPICA COMUNITÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA EM JOÃO PESSOA

Pedro Henrique Leite de Araújo
Sarah Caetano Vieira
Realeza Thalyta Lacerda Farias
Rômulo Kunrath Pinto Silva
Juliana Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.35019150215

CAPÍTULO 16 143

USO DE ÓLEOS ESSENCIAIS NA PROTEÇÃO CONTRA O *Aedes Aegypti*: REVISÃO DE LITERATURA

Willams Alves da Silva
Pedro Henrique Wanderley Emiliano
Kelly Guedes da Silva
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
Camila Chaves dos Santos Novais
Ivanilde Miciele da Silva Santos
José Gildo da Silva
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Kristiana Cerqueira Mousinho

DOI 10.22533/at.ed.35019150216

CAPÍTULO 17	150
USO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO DA DOR ONCOLÓGICA	
<i>Roberta Adriana Oliveira Estevam</i>	
<i>Kelly Guedes da Silva</i>	
<i>Willams Alves da Silva</i>	
<i>Camila Chaves dos Santos Novais</i>	
<i>Gabriela Muniz de Albuquerque Melo</i>	
<i>José Gildo da Silva</i>	
<i>Ivanilde Miciele da Silva Santos</i>	
<i>Kristiana Cerqueira Mousinho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150217	
CAPÍTULO 18	161
SUPLEMENTAÇÃO DA MELATONINA COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA INSÔNIA	
<i>Andrey de Araujo Dantas</i>	
<i>Raphael Brito Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150218	
CAPÍTULO 19	165
ECOLOGIA DE SI: CAMINHO DE CONSCIÊNCIA DO SER COMO EXPRESSÃO DA NATUREZA	
<i>Priscylla Lins Leal</i>	
<i>Dante Augusto Galeffi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150219	
CAPÍTULO 20	174
UNINDO E COMPARTILHANDO: O MATRICIAMENTO PELA ESF COMO FACILITADOR DO ACESSO AS PICS. RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Túlio César Vieira de Araújo</i>	
<i>Mariana Carla Batista Santos</i>	
<i>Marize Barros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150220	
SOBRE A ORGANIZADORA	180

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE HORTA FITOTERÁPICA COMUNITÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA EM JOÃO PESSOA

Pedro Henrique Leite de Araújo

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-
PB

Sarah Caetano Vieira

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-
PB

Realeza Thalyta Lacerda Farias

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-
PB

Rômulo Kunrath Pinto Silva

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-
PB

Juliana Sampaio

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-
PB

RESUMO: Esta composição tem como objetivo relatar a experiência dos autores no projeto de desenvolvimento de horta fitoterápica com participação comunitária na USF Mudança de Vida em João Pessoa. O projeto foi uma iniciativa dos estudantes de medicina da Universidade Federal da Paraíba juntamente com os colaboradores e usuários da unidade. A ação tem como objetivos criar um ambiente propício para o desenvolvimento da permacultura e do estudo de plantas com propriedades fitoterápicas, além de disponibilizar mudas para a disseminação das práticas abordadas. O intercâmbio de conhecimentos entre os alunos

e a comunidade foi um dos pilares da atividade, constituindo uma relação de bilateralidade e cooperação que não só valoriza o conhecimento popular prévio, mas também impulsiona o êxito do projeto. De maneira complementar à horta, outras ações foram realizadas pelos participantes para estimular a discussão, esclarecer dúvidas e fomentar o uso de novas terapêuticas não farmacêuticas, como a fitoterapia e a permacultura. Retirando o médico da centralidade do cuidado e empoderando o usuário nas decisões sobre sua própria saúde. Ademais, as alternativas fitoterápicas são mais economicamente viáveis para os usuários e independem do serviço de saúde. Considera-se que a experiência foi bem aceita tanto pelo serviço, quanto pela comunidade e alcançou seus objetivos propostos, aumentando a autonomia do sujeito. A estruturação de um ambiente agradável e acolhedor foi decisiva para a participação comunitária, pois modificou a dinâmica da unidade e propiciou uma mudança na mentalidade vigente, acrescentando de forma sólida as Práticas Integrativas Complementares aos cuidados disponibilizados pela USF.

PALAVRAS-CHAVE: Atenção básica, conhecimento popular, fitoterapia, horta comunitária, permacultura

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa relatar a experiência vivenciada por um grupo de estudantes ao implementar uma horta fitoterápica na Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) Mudança de Vida, na comunidade Gervásio Maia, em João Pessoa-PB. A vivência partiu do Módulo Horizontal A II – Sistema de Saúde: Atenção Primária, ofertada no segundo período do curso de graduação em Medicina, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e enquadrou-se como uma ação socioeducativa executada entre janeiro e junho de 2017. A partir das atividades desempenhadas, foi possível aproximar-se mais dos usuários e de seus conhecimentos sobre plantas medicinais; ofertar uma alternativa terapêutica aos medicamentos utilizados na unidade; e gerar um vínculo colaborativo entre os profissionais da saúde e os usuários.

As hortas fitoterápicas trazem o benefício do cultivo de plantas medicinais, tradicionalmente usadas para tratar diversas condições que acometem a população. São recomendadas com base na Portaria no 971 de 03 de maio de 2006 (BRASIL, 2006) que preconiza o acesso a plantas medicinais e fitoterápicos aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Todo o projeto foi inspirado nos princípios da permacultura, que não se limita a um “método de plantio permanente”, mas engloba uma “cultura humana permanente”, referente às nossas atitudes, ao meio ambiente e à nossa própria existência (SANTOS; VENTURI, 2007).

A horta fitoterápica comunitária dialoga de forma peculiar com os princípios do SUS, como a longitudinalidade e a integralidade do cuidado (Lei 8.008/90, art 7.), utilizando-os de forma inédita ao transformar a USF não apenas em um local de atendimento e consultas, mas um ambiente de convívio e lazer. Ademais, ela confere à comunidade não somente as vantagens obtidas pelo cultivo de plantas alimentícias que uma horta comum traria, mas também a redução de gastos com medicamentos, menor quantidade de idas ao médico e maior autonomia para a decisão sobre sua própria saúde e tratamento (SOARES; CAMARGO JUNIOR, 2007).

2 | METODOLOGIA

Ao início da ação, já havia local disponível para horta e algumas plantas fitoterápicas organizadas por iniciativa de outros alunos da Universidade, entretanto esse projeto não foi levado adiante devido à falta de articulação com os profissionais e com a comunidade, dificultando a manutenção da mesma, por isso, fazer com que essas pessoas sintam-se pertencentes ao projeto foi uma das metas elencadas. Esse espaço aliado à uma necessidade da comunidade, culminou na iniciativa da horta. Ela foi desenvolvida em conjunto com médicos, residentes, agentes comunitários de saúde (ACS) e usuários; e desde o início foi concebida na tentativa de unir todos esses atores em prol de um bem comum. A horta já havia sido nomeada pela turma passada

como: “Horta fitoterápica da D. Isabel”, uma das moradoras da comunidade com um vasto conhecimento e acervo de plantas medicinais e que muitas vezes era procurada por outros membros para a fabricação de receitas fitoterápicas. O fato da horta receber o nome de uma moradora fortalece a percepção da horta como propriedade da comunidade.

A primeira etapa foi o planejamento da horta, junto com um médico e um ACS da Unidade, definindo objetivos e ações que cada ator iria ter. Assim, foi definido uma escala para o cuidado com a horta e um delineamento da mesma como um espaço agradável para a permanência dos usuários, que posteriormente iria ganhar uma cobertura de bambu e bancos de madeira, confeccionados pelo ACS com o auxílio dos alunos. Em seguida, iniciou-se a preparação de todo o terreno disponível em três etapas: 1) retirada de capim e ervas daninhas; 2) aragem do solo com o arado da unidade; 3) adubagem dos sítios que receberiam as plantas, proporcionando uma área adequada ao desenvolvimento dos fitoterápicos.

Após o terreno pronto, começou-se a construção da mandala, trata-se de uma estrutura em espiral que proporciona melhor aproveitamento do espaço e organização das necessidades de cada planta, como água e iluminação. A horta circular, embora pouco comum, está prevista nos princípios da permacultura como uma forma holístico-sistêmica de organização do espaço e do trabalho (DRODOSKI; PEREIRA; BUENO, 2014). A construção contou com a ajuda dos médicos, ACS e com o auxílio de alguns usuários que doaram telhas para a estrutura da mandala e terra adubada para o plantio das novas mudas.

Em colaboração com um professor de fitoterapia da UFPB, que disponibilizou várias mudas, foram plantadas na mandala novas espécies como Erva Lanceta (*Solidago chilensis*), Capim Santo (*Cymbopogon citratus*), Hortelã Pimenta (*Mentha piperita*) e Manjericão (*Ocimum Basilicum*). Além disso, ainda com seu auxílio, foi feito o mapeamento das plantas deixadas pela turma passada. A mandala, foi um grande passo para estimular a participação de outros profissionais e de usuários, pois desperta curiosidade por ser uma estrutura relativamente grande e incomum.

Como as atividades do nosso módulo ocorreram apenas nas quartas-feiras, foi elaborado junto aos profissionais, um quadro organizando qual dia da semana cada um estaria responsável por regar as plantas e fazer algum cuidado adicional, caso precisasse, como a limpeza do terreno, plantio de novas mudas e preparo da terra. Fato que foi muito importante para aumentar o envolvimento dos profissionais da unidade no cuidado da horta, uma vez que vários demonstravam interesse, porém apenas alguns efetivamente participaram. Concomitantemente, foram confeccionadas junto à Prefeitura Universitária, plaquinhas de madeira, que continham tanto o nome popular, quanto o nome científico de cada espécie, facilitando a identificação das plantas para os profissionais e para os usuários, já que a identificação de algumas espécies é um pouco difícil e não desejamos nenhuma confusão. Sempre que uma nova espécie era ofertada pela comunidade, existia a necessidade de uma nova plaquinha, assim como

se alguma morresse ela deveria ser retirada, ou seja, um trabalho contínuo visando a identificação correta de todas as plantas presentes.

A manutenção da terra, retirada de capim e algumas pequenas mudanças na disposição dos componentes da horta foram realizados com certa frequência, e isso corroborou a horta, despertando o interesse tanto da equipe, quanto dos usuários, que cada vez mais foram aproximando-se ao cuidado da horta. Os usuários que detém algum conhecimento sobre fitoterápicos também começaram a frequentar a horta, dando início ao intercâmbio de conhecimentos entre estudantes, equipe e usuários.

Visando um ambiente ainda mais sociável e aconchegante, os profissionais da unidade tiveram a ideia da construção de um teto verde, construído em parceria entre profissionais da unidade, alunos e a professora do módulo. Essa estrutura foi feita com bambus cedidos pela comunidade que seria posteriormente coberta com plantas trepadeiras, acumulando algumas funções: a) diminuir a incidência solar e conseqüentemente o calor, propiciando o crescimento e desenvolvimento de plantas mais delicadas; b) suporte para o desenvolvimento de plantas aéreas; c) além da concepção visual, que ajuda a criar um ambiente harmonioso e tranquilo. Assim, essa estrutura também solucionaria o calor excessivo no horário da tarde, proporcionando um ambiente mais conveniente para implementação da permacultura terapêutica.

Após algum tempo, a horta começou a crescer e necessitar de podas. Além de podar as plantas para organizar o espaço, também foi necessário retirar algumas plantas que estavam com excedente para o preparo de algumas mudas, que posteriormente foram distribuídas com os usuários da unidade. As plantas que mais cresceram foram Hortelã homem (*Plectranthus barbatus*) e Hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus*), por isso, após podá-las separamos todas as folhas e no dia seguinte uma profissional da unidade distribuiu para os usuários presentes, incentivando ainda mais o consumo e ainda, evitando o desperdício.

No último encontro dos alunos na unidade, Dona Isabel, já citada anteriormente, visitou a plantação e levou algumas plantas novas. Nesse momento, as mudas foram plantadas e delimitadas com garrafas de vidro, especialmente aquelas que precisam de um espaço maior para as raízes, como as de árvores. No mesmo dia, alguns usuários foram até a horta pedir informações, levar mudas para casa e até mesmo cuidar da horta, o que ratifica o quanto a comunidade cada vez mais está participando e sentindo-se pertencente da horta e do cuidado.

3 | RESULTADOS

Para a melhor compreensão sobre a eficácia da ação desenvolvida, ao fim do semestre os alunos desenvolveram e aplicaram um questionário para os usuários e os colaboradores da unidade de saúde (ACS, médicos, enfermeiros, recepcionistas, serviços gerais, odontólogos) que envolvia uma série de perguntas fechadas sobre a

atividade e, em seguida, um espaço para sugestões e melhorias.

Realizou-se o levantamento dos dados dos questionários de 35 funcionários e usuários da Unidade, concluindo-se que, na opinião dos entrevistados, a atividade foi um sucesso, alcançando os seus objetivos, em especial, no incentivo ao conhecimento e o uso de produtos fitoterápicos. Ademais, os usuários acharam a atividade bem dinâmica e positiva ao alterar a rotina da unidade, pois trata-se de uma ação participativa entre a academia, o serviço e a população. Algo que vale a pena ser ressaltado é o fato de que o questionário tinha um campo aberto para sugestões, e muitas sugestões dos usuários eram referentes à expansão do projeto. Por exemplo: distribuir chás mais dias na semana, disponibilizar uma maior variedade de fitoterápicos, rodas de conversa, palestras, ampliar a distribuição dos panfletos com informações e modo de preparo de chás, etc.

4 | DISCUSSÕES

A horta trouxe, portanto, diversos benefícios para a comunidade. Por necessitar de um esforço coletivo, reuniu diversos profissionais, de médicos e ACSs, incluindo comunidade acadêmica (estudantes e docentes). Contudo, a participação dos usuários tem sido limitada. Ainda há muitos que enxergam a iniciativa como exclusiva dos funcionários e universidade, dificultando assim sua interação. A timidez desaparece quando, impressionados e convencidos por algum chá ou lambedor, decidem pedir uma muda para suas hortas particulares, mas no geral a participação é pequena.

Uma horta fitoterápica permite a construção coletiva não só de espaço, mas também de conhecimento. A participação popular nesse ponto é fundamental, com diversas contribuições do conhecimento tradicional na escolha das terapias e plantas, e no trato com a horta. É essencial que essa participação seja estimulada para que a horta fitoterápica seja de fato comunitária, cumprindo seu papel de componente da atenção básica, auxiliando não só em tratamentos, mas também na prevenção deles.

A população, entretanto, tende a não participação das ações implementadas, com exceção de alguns integrantes-chave da comunidade, como a D. Isabel. Alguns fatores que impedem essa imersão nas atividades são: a) Dificuldade de locomoção até a USF; b) Não adequação aos horários de funcionamento da USF e da horta; c) Isso ocorre devido a forma como as pessoas em geral enxergam o cuidado em saúde, com a necessidade constante de uso de medicamentos industrializados até mesmo em situações simples. A horta chama a atenção dos usuários, mas é vista como um tratamento secundário, preferindo a terapêutica farmacológica em detrimento da fitoterápica. Isso ocorre devido à medicalização da vida cotidiana e da banalização dos medicamentos no Brasil, um fenômeno que já ocorre há dois séculos.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada da horta fitoterápica na Unidade de Saúde da Família Mudança de Vida, portanto, transformou um espaço antes obsoleto e subutilizado dentro da unidade em um local que proporciona inúmeros benefícios. O uso sustentável e consciente do espaço para o benefício da comunidade representa uma reorientação dentro do processo de cuidado. Na experiência vivenciada já pôde-se perceber um aumento da participação popular no processo de educação e cuidado da saúde. A comunidade se mostrou mobilizada ao doar materiais para a construção, buscar e doar mudas de plantas, bem como o simples interesse de querer conhecer o lugar e saber mais sobre ele.

A horta também propiciou um grande intercâmbio de conhecimentos, pois através dela, tantos os médicos, os profissionais da unidade, os estudantes e professores envolvidos no projeto e a própria comunidade adquiriram e puderam transmitir novos conhecimentos. Isso representa uma valorização do conhecimento popular e destitui do médico a figura de detentor do saber, o que pode gerar uma aproximação médico-usuário e médico-unidade de saúde. Além disso, a horta, por ser produtora de plantas fitoterápicas, é uma forma de incentivo a essa prática integrativa e complementar, estimulando tratamentos que fogem da medicalização excessiva. Para o futuro, a horta visa ser um espaço para a realização da terapia do cultivar a terra e para que isso aconteça a iniciativa deve ser abraçada e continuada pelos profissionais da unidade de saúde, que se mostraram bastante dispostos. Ademais, a Universidade deve se manter presente desenvolvendo novas atividades e projetos para evoluir cada vez mais as ações terapêuticas ofertadas pela horta.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Permacultura**. Disponível em: <<http://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria 971 - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde**; DOU - seção 1; 4/05/2006.

BRASIL. **Lei 8.080, de 19 de Setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8080-19-setembro-1990-365093-norma-actualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 28 junho 2017.

SOARES, Jussara Calmon Reis de Souza; CAMARGO JR., Kenneth Rochel. **A autonomia do paciente no processo terapêutico como valor para a saúde**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 11, n. 21, p. 65-78, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Aug. 2017.

DRODOSKI, Sandro Daniel; PEREIRA Jennifer Bortoluzzi; BUENO, Gilvane. **A prática de horta mandala na educação ambiental**. Educação ambiental em ação, n. 47, ano XII, Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1735>>. 31 Ago. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-135-0

